

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Programa de extensão

MUSEOLOGIA NA UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

OBSERVATÓRIO MUSEOLOGIA/UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

HISTÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA A PARTIR DA ATUAÇÃO DE SEUS AGENTES

ZITA ROSANE POSSAMAI

(entrevista)

Porto Alegre

2023

FICHA TÉCNICA

Programa de extensão: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias

Projetos de pesquisa: Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias e História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes

Número da entrevista: MSL6.3.4

Entrevistada: Zita Rosane Possamai

Nascimento: 29 de março de 1966

Entrevistadores: Nina Mazim Dias

Data da entrevista: 14 de fevereiro de 2023

Local da entrevista: Planetário, Av. Ipiranga, 2000 - Porto Alegre / Rio Grande do Sul

Transcrição: Diogo Santos Gomes, Nina Mazim Dias, Jefferson Magueta Trevisan, Vinícius Bard Mathias de Souza

Conferência Fidelidade: Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz

Copidesque: Ana Carolina Gelmini de Faria, Lourdes Maria Agnes e Marlise Giovanaz

Pesquisa: disciplina Tópicos Especiais em Memória Social

Total de gravação: 1h40min

Páginas digitadas: 24p.

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* e os projetos de pesquisa *Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias* e *História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes* estão autorizados, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ambas as partes, a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, esta entrevista de cunho documental e histórico. As pesquisas estão certificadas pela Plataforma Brasil, CAAE: 59281922.1.0000.5347 e CAAE 58646822.5.0000.5347, respectivamente. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo:

POSSAMAI, Zita Rosane. **Zita Rosane Possamai**. [Entrevista concedida a] Diogo Santos Gomes, Nina Mazim Dias, Jefferson Magueta Trevisan e Vinícius Bard Mathias de Souza. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/ UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 14 de fevereiro de 2023. 24p.



Fotografia de Isadora Medaglia Guarnier, 2023

Zita Rosane Possamai é professora titular do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da mesma Universidade. É Bolsista Produtividade do CNPq. Possui graduação em História pela UFRGS (1987), mestrado em História (1995) e também doutorado em História (2001) pela mesma Universidade, e pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (2014). Realiza ações de ensino, pesquisa e extensão nos campos da história da educação em museus, investigação histórica e gestão do patrimônio cultural urbano e museus. Membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM), do qual compõe o Conselho Consultivo do Comitê Brasileiro, e da Associação Nacional de História (ANPUH), da qual foi presidente da seção RS, coordenadora dos GT Acervos e GT História, Imagem e Cultura visual e GT Nacional História e Patrimônio Cultural da ANPUH.



Porto Alegre, 14 de fevereiro de 2023. Entrevista com Zita Rosane Possamai, a cargo dos pesquisadores: Diogo Santos Gomes, Nina Mazim Dias, Jefferson Magueta Trevisan e Vinícius Bard Mathias de Souza, para o Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, o Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, e o Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes.

N.M.D. - Primeiramente, agradeço pela presença, por nos prestigiar com a oportunidade. A gente queria começar falando um pouquinho da tua infância. Tu vieste morar em Cachoeirinha com seis anos de idade, como é que foi essa transição?

Z.R.P. - Primeiro agradecer a vocês pelo convite de estar aqui. Não sabia que eu ia começar por tão longe assim. Eu não trouxe caixa de lenço, então vamos lá. Infância, mudança para cá. Essa transição. Vamos ver o que eu lembro, tá? Eu lembro de algumas situações. Lembro da escola, lembro de ir para escola, de gostar de ir para escola, é engraçado porque hoje a minha irmã está morando próximo a um lugar que nós morávamos, e a gente comenta quando está passando de carro que era um total descampado, praticamente não havia casas, então eu percorria a pé, acho que deveria ser um quilômetro no máximo, assim subindo lombinha, descendo e tal e indo por várias áreas desabitadas para chegar na escola. Claro, em uma época que as crianças podiam andar a pé, e lembro de ser um ambiente, do ambiente escolar ser uma coisa que eu gostava muito, inclusive da minha mãe não querer que eu fosse quando estava chovendo demais e eu pegava e fugia, sabe? Na época, a gente não tinha guarda-chuva, não tinha sombrinha e eu lembro que eu pegava um cobertor e botava na cabeça e ia embora, quando a mãe me procurava, cadê? Eu não me lembro disso, mas ela de tanto me contar; vocês sabem a gente vai criando memórias familiares que não são exatamente as nossas. Enfim, também lembro de bullying, das pessoas quererem levantar minha blusa para ver se minha barriga era verde, porque eu era de Santa Catarina. Então,



as pessoas muito xenófobas faziam isso comigo, eu tinha sete anos. O resto fica um pouco assim na questão da brincadeira, me lembro das brincadeiras de infância, de criança. Nós fomos morar junto com meus tios e tinham três primos, então eu me lembro da gente brincar, brincava muito na rua, muito na rua. Então, uma coisa que hoje a gente não tem, criança brincando na rua, eu vivi isso, de poder brincar na rua, poder ficar andando a esmo na rua. Mesmo em Cachoeirinha nós mudamos de várias casas, de vários bairros. Então, essa minha memória está muito marcada por esses lugares, pelas escolas que eu frequentei nesses lugares, nesses outros locais que a gente foi morar, pois nós passamos por três locais diferentes. Então, é um pouco isso, a gente lembra mais das brincadeiras, das coisas que a gente fazia enquanto criança.

N.M.D. - Nos anos [19]80, cita no memorial que tua relação com a cidade mudou, veio morar na casa do estudante, passou a frequentar alguns bares e outros locais da cidade. Nessa época frequentava museus?

Z.R.P. - Interessante essa pergunta, porque a minha família era uma família muito pobre. Ela veio do mundo rural para a periferia urbana, como eu coloco no memorial e sempre foram muito pobres, então a vida cultural, do ponto de vista de acesso a bens culturais, era muito restrita, era realmente muito restrita. Eu me lembro, ontem na disciplina sobre fotografia eu estava lembrando que a gente ia ao circo. E outro espaço cultural que nós frequentamos também em Cachoeirinha era um cinema, então a minha mãe nos levava, me lembro de ter visto os filmes do Teixeirinha, por exemplo, que era a única coisa que tinha naquela época, era o famoso “Pulguinha”, o cinema era chamado de Pulguinha, e a palavra é autoexplicativa né, por que tinha pulgas no espaço; e a leitura sempre me constituiu, vamos dizer assim, porque logo que eu fui para escola. A escola era um universo também que me proporcionou o acesso aos livros; então tinha uma biblioteca e eu passei a frequentar diariamente essa biblioteca na escola, aí eu já estava na terceira série, tinha uns dez, onze anos.



Então eu me lembro que eu li todos os livros da biblioteca, eu li de literatura o que era disponível, por exemplo tinha aquela coleção “Para gostar de ler”, que eram crônicas maravilhosas do Rubem Braga, Manoel Bandeira, Fernando Sabino, eu me lembro que eu devorei todos e parou no número oito. Mas museus, não, eu não frequentava, na minha infância eu não tive contato com museus pelo que me lembro, o que a escola às vezes proporcionava eram visitas, por exemplo eu me lembro de ter ido na Brahma, naquela época a Brahma ainda existia como cervejaria, ainda não era patrimônio, da gente ter ido em uma fábrica de refrigerante, não me lembro qual... Mas a gente ia assim em alguns passeios que a escola proporcionou, por exemplo Gramado, Canela é um passeio meio, assim, clichê né, vamos dizer assim. As escolas promoviam gincanas durante o ano, eu me lembro da gincana da escola Rodrigues Alves; a tarefa era coletar vidros, garrafas de vidros para angariar recursos para construir o ginásio da escola, escola estadual. Então a minha turma sempre ganhava, esse sim era um momento divertidíssimo, porque a gente já era adolescente e eu me juntava com os meus amigos e íamos pelas ruas pedindo garrafas, e a gente voltava assim com sacos cheios de garrafas para a tal da gincana, daí a gente acabava ganhando a gincana e o presente era ir a Gramado e Canela; mas museus não, não, realmente não conheci museus nesse período da infância, da adolescência, cinemas sim, cinema e a literatura sempre fizeram parte da minha vida, eu me lembro que a gente vinha inclusive de Cachoeirinha para Porto Alegre, para ir no cinema. Eu me lembro de um professor de literatura, um barato ele, o Gil, Gil Coelho, ele era do teatro inclusive, o Gil [Coelho] nos trouxe uma vez para ver Laranja Mecânica, imagina, anos [19]80, Laranja Mecânica, acho que muitos aqui nunca ouviram falar desse filme né?! Mas assim, explodiu Laranja Mecânica, e nossa juventude tinha que ver Laranja Mecânica, e o Gil [Coelho] nos trouxe, imagina, olha que professor maravilhoso. Nos trouxe de ônibus, fomos ali até o Cinema Um - Sala Vogue, na [Avenida] Independência porque ficava mais perto para



descer e pegar o ônibus para Cachoeirinha, e eu adorei; outro filme que eu me lembro que a gente veio, não foi com a escola, foi com a minha mãe e umas amigas, foi “Grease”, fomos ver John Travolta e Olivia Newton John, no Cinema Cacique. Então, imagina, foi um barato né, e a entrada era de graça porque a mãe de uma das minhas amigas trabalhava na bomboniere do Cinema Cacique... então esse convívio com o cinema, desde os filmes do Teixeirinha, e mesmo depois vendo esses filmes todos, depois também vim ver “E.T” com uma outra amiga no Cinema Astor, eu lembro direitinho dos cinemas porque para mim foram acontecimentos especiais, a gente lembra tudo aquilo que nos toca, então me lembro dos cinemas e dos filmes. Depois, aqui em Porto Alegre, eu passei a vivenciar a cidade e, principalmente, as proximidades com a Casa de Estudante que era na Rua São Manoel, o nosso lugar de trânsito era no Bom Fim, e os bares do Bom Fim, a Lancheria [do Parque], o Bar do João, a gente transitava na rua, para vocês poderem entender teria que pensar no que é hoje a efervescência da Cidade Baixa, no Bom Fim. Era tudo na rua, era um território de todas as tribos que circulavam por ali, até que começou a pressão dos moradores do bairro em relação à questão da violência que acontece em todos os espaços e chegou um momento em que houve o toque de recolher, digamos assim, que meia noite os bares todos tinham que fechar. Ai o circuito, o percurso vamos dizer assim passou a ser Cidade Baixa, fechavam os bares do Bom Fim e íamos para a Cidade Baixa para poder continuar a noite. Um lugar que a gente ia muito era a Terreira da Tribo, era um lugar bem bacana, bem alternativo, um espaço teatral também, volta e meia a gente assistia espetáculos, e os museus não faziam parte da minha vida... Eu comecei a trabalhar na Prefeitura [de Porto Alegre] no ano de [19]87 e [19]89 eu fui para Secretaria de Cultura, ai sim, ai passei a ter contato, uma convivência mais forte com espaços de exposição, porque no Centro Municipal de Cultura tem um espaço de exposição muito grande, exposições de arte, então ali eu passei a vivenciar mais essa esfera, das exposições de arte e



depois o próprio contato com o Museu de Porto Alegre [Joaquim José Felizardo], porque fazia parte da mesma estrutura municipal e lá foi trabalhar Flávio Krawczyk era um grande amigo, entramos juntos na Faculdade [Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul] e entramos juntos na Prefeitura [de Porto Alegre]. Então, o Flávio [Krawczyk] passou a me convidar para frequentar o Museu [de Porto Alegre Joaquim José Felizardo], fazer coisas com o Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo] e aí veio o convite para fazer a primeira exposição e eu fui trabalhar lá com eles, com ele, com o Pedro [Vargas] e com a Vera Tadeu, que era Diretora do Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo]. Então, eu posso dizer que não me recordo de ter visitado um outro museu antes do Museu de Porto Alegre [Joaquim José Felizardo], não me recordo, porque como minha infância não foi em Porto Alegre, eu não tive aquele passeio que todas as crianças, quase todos os escolares tem de ir no Museu Julio de Castilhos. Meu filho, por exemplo, foi no Museu Julio de Castilhos, é um passeio protocolar do público escolar, vamos dizer assim, eu não tive essa vivência e nem as minhas escolas proporcionaram isso, não estava no horizonte de expectativas, poderia estar, mas não estava.

N.M.D. - Então é nesse momento que entra no campo dos museus?

Z.R.P. - É, tendo o contato com a cultura, principalmente indo trabalhar na Secretaria Municipal da Cultura, que eu começo a conhecer mais diretamente esse universo da cultura e da gestão cultural na cidade [de Porto Alegre], porque ali eu tinha contato com todas as áreas, com o teatro, com a música, com o cinema, com a Museologia também, com o patrimônio, com as artes visuais. Mas era meu local de trabalho, todos os dias eu ia para um espaço que tinha exposições e que mudavam as exposições, tinham os vernissages e eu frequentava. Então esse olhar para o visual, especialmente para as artes visuais eu posso dizer que começou ali, de conhecer os artistas, de ter contato



com os artistas, até porque muitos artistas eram professores no Ateliê [Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre], então eram colegas de trabalho. Tipo o [Wilson Furtado] Cavalcanti, que eu fiquei bem feliz que a Fundação Vera Chaves Barcellos vai fazer um documentário, um curta metragem, até o pessoal brincou que ele merecia um longa, mas a Fundação [Vera Chaves Barcellos] vai fazer um curta metragem sobre o [Wilson Furtado] Cavalcanti; pra quem não conhece ele é um grande gravurista aqui de Porto Alegre, o Cava, como a gente chama, ele mora em Viamão, por isso que a Fundação Vera Chaves Barcellos resolveu fazer esse curta, ele era professor no Ateliê [Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre], então ele era colega, a gente se encontrava no almoço, se encontrava ali no bar onde todo mundo almoçava, era um convívio cultural muito intenso, vendo circular todo mundo das artes; Iberê Camargo vinha nos vernissages, Xico Stockinger, o pessoal do teatro, do cinema estava sempre circulando, daí foi o início desse contato com a Museologia também, a partir do museu e partir dessas exposições de arte, dessa produção de arte.

N.M.D - Esse primeiro contato segues para a direção do Museu de Porto Alegre [Joaquim Felizardo]?

Z.R.P. - É, vai levar um certo tempo, hoje olhando para trás parece que foi meio rápido, mas eu fiz muita coisa antes disso, esse convite para montar a exposição no Museu [de Porto Alegre Joaquim José Felizardo], que era uma exposição sobre o carnaval, "Carnavais de Porto Alegre", acabou sendo o título, foi uma experiência incrível, estava assumindo um governo de esquerda e toda tônica era de desconstrução de narrativas, desconstrução inclusive de uma certa história oficial pelo Museu [de Porto Alegre Joaquim Felizardo], então a ideia foi fazer uma exposição sobre o carnaval, sobre uma festa popular, para ser aberta na Semana de Porto Alegre, no museu da cidade; o objetivo era realmente chamar a atenção para uma festa popular que tinha forte



presença negra na cidade, e que era desconhecida, não se falava no carnaval do ponto de vista de uma imagem, Porto Alegre nunca teve uma imagem de carnaval, sempre foi Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo mais ou menos, e Porto Alegre não. Então, a gente queria trazer um pouco esse conhecimento que Porto Alegre também tinha carnaval, de que esse carnaval estava muito na periferia, e estava sendo cada vez mais alijado do centro da cidade, porque naquela época o desfile oficial acontecia em uma área central, ali perto da Usina do Gasômetro, mas depois aconteceu tanta coisa, já tem até dissertação sobre a questão do carnaval no Porto Seco. Eu tenho lembranças maravilhosas, nós pegávamos o carro da Prefeitura [de Porto Alegre] e ia para as escolas de samba, entrevistamos todos os presidentes das escolas, era meio que uma inserção etnográfica, mas era tudo historiador, ninguém ali era antropólogo, mas esse contato com as escolas de samba eu me lembro que foi muito bacana. A gente entrava naquele carrinho e eu lembro que a gente ia lá para o Morro Santana, e fomos para Restinga entrevistar o presidente da [União da] Tinga; fomos no Bambas [da Orgia], na Imperadores, no Império da Zona Norte, na Vila do IAPI. Então, eu posso dizer que foi minha primeira experiência com a Museologia, ali eu fui mordida pela mosquinha da Museologia e nunca mais quis saber de outra coisa. Nessa época, eu lembro que o Pedro Vargas estava fazendo especialização em Museologia na PUC [Pontifícia Universidade Católica], e eu disse: “Pedro, [Vargas] quando tiver o próximo curso, me avisa que eu quero fazer”; mas nunca mais teve o próximo, foi único. Essa é uma história interessante para ser recuperada, O Pedro [Vargas] deve saber. E depois disso, eles quiseram que eu ajudasse em uma outra exposição, eu meio que não quis, fui para equipe de restauração do Mercado Público...a direção do Museu [de Porto Alegre Joaquim José Felizardo] só aconteceu em 1993, o que eu estou contando foi em 1989-90, por aí, então em [19]93 eu fui convidada pela então secretária Margarete Moraes para assumir a direção do Museu [de Porto Alegre Joaquim José Felizardo].



N.M.D - A gente queria falar também sobre tua experiência no exterior, quando teve a oportunidade de visitar alguns museus, como o Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau-les-Mines...

Z.R.P. - Depois que eu entrei no Museu [de Porto Alegre Joaquim José Felizardo] eu passei a estudar muito a Museologia; eu, como toda a minha geração que não era graduada em Museologia, pois só existia graduação em Museologia na Bahia e no Rio de Janeiro. Então, a gente não pode pensar que não houve Museologia por que não havia curso de Museologia, o que os profissionais fizeram foi, com os recursos possíveis, criar um conhecimento através de leituras e através também de participação em eventos, especialização, cursos de aperfeiçoamento, tudo que era curso que tinha eu fazia, me lembro de curso com Mário [de Souza] Chagas; me lembro que nós promovemos um curso enorme de 80 horas que foi o de Museologia Social, para o qual trouxemos muitas pessoas do Rio [de Janeiro], de São Paulo, e também do exterior. Foi aí que veio o Hughes de Varine[-Bohan], então foi a oportunidade que eu tive de conhecer o [Hughes] Varine[-Bohan], isso foi em [19]94, e ouvir ele mesmo contar sobre a experiência do primeiro ecomuseu criado no mundo. Eu fiquei encantada, desde o início eu já estava encantada com a Nova Museologia, com a Sociomuseologia, sabia que tinha experiência no Canadá, nesse curso, por exemplo, também estava o Pierre Mayrand, que foi um dos criadores do MINOM [Movimento Internacional pela Nova Museologia], então já conhecia essas experiências, já estava absolutamente encantada com a Museologia, e sentia muito que me faltava conhecer essas experiências. Então, eu tentava sempre que tinha algum evento, alguma coisa no Brasil, conhecer museus que eram referências, mas também me faltava muito, e desde que o [Hughes] Varine[-Bohan] esteve aqui, eu fiquei próxima dele, tentando fazer um plano de estudos, mas não tinha como financiar, porque a Prefeitura [de Porto Alegre] não financiava isso, não era universidade, que financia o docente para se aprimorar; a Prefeitura [de Porto



Alegre] era muito comedida nesse aspecto, as saídas sempre eram em relação a representações governamentais e ficava para o primeiro escalão, eu era terceiro escalão, no máximo segundo escalão saia, terceiro nem pensar. Então, surgiu uma oportunidade com um programa que existe no governo francês, que é o Courants [du Monde], que é promovido pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério dos Assuntos Estrangeiros da França que leva pessoas da área da cultura para a França, da América Latina e daquela época do Leste Europeu, porque recém tinha caído o Muro de Berlim, então obviamente que a Europa estava com tudo em relação a criar laços e relações com a cultura do Leste Europeu; eu me inscrevi nesse programa [Courants du Monde] e consegui ser selecionada, fui eu e mais uma brasileira do Rio de Janeiro, uma produtora cultural. No programa de visitas tinha toda uma parte institucional e outra específica que cada um escolhia ir pra um lugar, escolhi ir para Le Creusot Montceau que ficava na Borgonha, porque eu disse: “não, eu tenho que ir lá!” E aí eles aceitaram, pagaram tudo para eu ir, e lá eu permaneci dez dias conhecendo essa experiência e foi bárbaro, e até eu fico um pouco triste porque até hoje eu não escrevi sobre essa experiência, até hoje eu não escrevi e até hoje eu tenho essa dívida comigo mesma, de escrever. Acho que o que eu vi lá que não foi o que era nos anos [19]70, efervescência desse ecomuseu, eu acho que merece ser registrada, até porque há muito pré-conceito com essa experiência francesa por parte de colegas que defendem uma Museologia Social e são contrários às influências europeias, agora mais que nunca por conta da decolonização, e eu acho que a gente não joga fora, como dizia uma professora minha que também foi da Marlise [Giovanaz], “a gente não joga fora a água suja da bacia com a criança”. Então, acho que tudo se aproveita nesse diálogo intercultural e científico... foi uma experiência bem bacana de ter conhecido como implementaram um projeto de desenvolvimento local numa região pós-industrial e com a geração de muito desemprego. Lembro que eu tive a



oportunidade de conhecer uma usina que estava sendo restaurada e no processo o ecomuseu [Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau-les-Mines] estava envolvendo uma associação de pessoas que eram alcoólicos, drogados, nesse sentido, dessa inserção social dessas pessoas na região, ou seja, era uma situação de crise como o [Hughes] Varine[-Bohan] diz, tu tem que identificar a crise para atuar na Ecomuseologia e ali estava bem definida essa situação... eu achei muito interessante, não só eles estarem trabalhando nessa restauração, como também eles estarem envolvidos em ações que o museu [Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau-les-Mines] estava promovendo, então eu me lembro que eles me levaram lá para conhecer... para participar de uma reunião, que eles estavam montando uma exposição e que essas pessoas iam ser os mediadores dessa exposição. Assim como em outros lugares, eles trabalhavam muito com a população como mediadora das exposições, claro que daí eu já pude fazer também algumas críticas em relação à forma de atuação que o ecomuseu [Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau-les-Mines] tinha na região, porque, digamos assim, para certas atividades a população nem sempre era bem-vinda, porque eles não abriam mão das montagens de exposições, isso realmente quem fazia era a equipe do museu [Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau-les-Mines] com sua *expertise*, a população era muito mais envolvida na questão da mediação. Eram mediadoras que abriam o próprio museu [Ecomuseu da Comunidade Urbana Le Creusot-Montceau-les-Mines]. Lembro que eu visitei um museu de escola, acho que foi o primeiro museu escolar que eu entrei, gente. Na época, eu não estava nem aí para museu escolar, e eu acabei virando uma pesquisadora dos museus escolares, e lá foi o primeiro museu escolar que eu visitei, e quem abriu o museu escolar para gente poder visitar foram duas professoras aposentadas que eram voluntárias. Então, o museu só abria a partir do trabalho voluntário delas; e teve um outro, o museu de



fósseis que eu não pude visitar porque não conseguiram contato com os voluntários que abriam; então esse tipo de limite que tem o trabalho envolvendo uma comunidade, uma população que se envolvia com o patrimônio local e com esses museus, com essas antenas, que o [Hughes] Varine[-Bohan] chama, de antenas no território.

N.M.D. - A gente vai passar para um pouco antes do seu ingresso no quadro de docentes da Museologia. Porque antes de vir para a Museologia já fazia parte da FAGED [Faculdade de Educação], e por volta do período que ministrava o Curso de Especialização no Instituto de Artes de profissionais de museu, não ficou muita coisa guardada desse curso.

Z.R.P. - Do I.A. [Instituto de Artes]? Alguém já tentou buscar coisas lá?

N.M.D. - Estamos agora.

Z.R.P. - Realmente, porque é uma memória importante, antes da efetivação do curso [de Museologia] aqui [na Universidade Federal do Rio Grande do Sul] houve várias experiências de cursos de especialização ligados à Museologia, é bem importante eu acho recuperar essas informações para a memória da Museologia, né Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria]? Inclusive esse do I.A. [Instituto de Artes] ele foi em 2002. Eu lembro bem porque eu ganhei o Lucca [Possamai Marcos] em 2002. Eu lecionei uma disciplina, mas acho que teve duas edições, eu acho que eu lecionei duas vezes... quem coordenou foi a professora Blanca [Luz] Brites e o professor Francisco Marshall, que organizaram toda uma grade curricular; a Ana [Maria] Dalla Zen foi professora, que na época eu nem conhecia... eu era professora convidada, eu acho que eu era uma das únicas que não era da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] porque eu meio que me convidei; a gente tem que, muitas vezes, abrir determinados espaços; eu liguei pra eles e parabeneizei porque realmente era muito legal, na época, eu estava na



Coordenação da Memória da Secretaria Municipal de Cultura; parabeneizei e me coloquei a disposição, e eles resolveram me inserir como professora convidada. Foram duas turmas, e nossa, era superconcorrido; vocês não imaginam a quantidade de gente que se inscrevia. No primeiro, eu acho que não participei da seleção, devia estar barriguda ganhando neném com seis meses de licença maternidade; mas na segunda edição participei da seleção, sempre muito concorrida e claro, muita gente que já atuava em Museologia. Lembro, por exemplo, da Angelita da Rosa, de Venâncio Aires, que atuava no Museu de Venâncio Aires, que hoje é minha orientanda de doutorado [no Programa de Pós-Graduação em Educação]; da Simone [Flores] Monteiro que também já atuava em Rio Grande nessa época, ou no SEM [Sistema Estadual de Museus]; da Nóris [Mara Pacheco Martins] Leal; das gurias do Museu da UFRGS, Lígia [Ketzer Fagundes] e Claudinha [Claudia Porcellis Aristimunha], muita gente. De vez em quando eu encontro uma pessoa que vem me cumprimentar e diz: “Ah, tu não lembra de mim? Eu sou a fulana!”. Aí eu lembro do nome, porque professor lembra do nome na chamada, né? Das pessoas eu não lembro mais do rosto, mas me dizem: “Eu fiz o curso de especialização, aquele assim, assado”. Formou um pessoal interessante e, na época, eu me lembro de ter perguntado para a professora Blanca [Luz Brites]: “Blanca [Luz Brites], porque vocês não fazem um mestrado?”, porque eu já participava das discussões lá com o pessoal de São Paulo em relação a isso, porque o curso de especialização de São Paulo já existia também, e a Cristina [Oliveira] Bruno tinha me convidado para ir dar palestra no curso de São Paulo. Então, eu já sabia dessa movimentação em relação a cursos de especialização, que era um posicionamento político, vamos dizer assim, político conceitual. E também porque era muito mais fácil criar cursos de especialização do que criar cursos de graduação; curso de graduação era uma tradição do Rio de Janeiro e da Bahia. Nós, aqui, e São Paulo,



estávamos muito mais na perspectiva de cursos de especialização ou de pós-graduação.

N.M.D. - Em seu memorial, você fala que em 2010, a professora Marlise [Giovanaz] a convidou para compor o quadro docente da graduação de Museologia, graduação recém-criada em 2008. Como ocorreu esse processo de transferência da FAGED [Faculdade de Educação] para esse curso novo na FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]? E o que te motivou a fazer essa mudança?

Z.R.P. - Assim, quando eu fiz o concurso para História da Educação, para mim era um campo novo eu me preparei para fazer esse concurso. Entrei na UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] e fiquei sabendo da criação do curso [de Museologia]. Ninguém me chamou para o lançamento do curso [de Museologia], não chegou até mim nenhum convite, eu fiquei sabendo assim, sei lá como, pela imprensa, sabe? Achei “que bacana, conseguiram criar o curso [de Museologia]”. Claro que era a esteira do REUNI [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], a FAGED [Faculdade de Educação] inclusive era supercrítica ao REUNI [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], porque o que era divulgado é que não teria concurso, o que ia causar um problema funcional seríssimo... evidentemente a FAGED [Faculdade de Educação] foi contra, porque pelo menos a Faculdade de Educação tem que ser crítica em relação a essas coisas, e foi contra, mas depois acabou que não foi assim, acabou que realmente as vagas foram abertas e os concursos aconteceram, então lá por 2010... mas, antes disso, aconteceu que os alunos da Museologia se matricularam num curso de extensão que eu estava oferecendo, que era o “Leituras da Cidade”, eu estava começando o projeto de extensão que durou dez anos. Então, lá chegaram os alunos: Ana Celina [Figueira da Silva];



Eliane Muratore; João Batista, que eu acho que na época era da Museologia e depois largou. Quem mais? A Leticia Crestani, eu tenho as fotos do Leituras [da Cidade], daí por isso que eu me lembro... O Davi [Kura Minuzzo]! O pessoal da primeira turma... como é o nome dela? A Eunice [Batista Laroque] estava nessa turma; a Janice [Dias Ramos] estava no curso de extensão, mas ainda não estava na Museologia. E aí esse pessoal começou: “Ai Zita, que tu tens que ir lá para o curso [de Museologia], tem que ir lá para o curso, bibibibi...” aquela coisa né? Eu disse “Eu estou bem aqui, como é que eu vou lá, eu não posso, não sei o quê...” sei lá como foi a conversa, só sei que eles ficaram me buzinando, a Ana Celina [Figueira da Silva] acho que pode contar bem essa história, ficaram me buzinando e acredito que depois teriam vindo para o curso [de Museologia] buzinar as professoras, eu acho, deve ter sido isso, não sei, tá? Aí então um belo dia, a Marlise [Giovanaz] me convidou pra um café no Bar do Antônio, né Marlise [Giovanaz]? E aí conversamos e tal, a Marlise [Giovanaz] daquele jeitinho que vocês conhecem, sondando se eu gostaria de passar para o curso de Museologia, eu disse “Ah Marlise [Giovanaz], eu gostaria, mas meu departamento não vai me liberar sem vaga”. A Marlise [Giovanaz] assim; “Ah pois é, não sei o quê, vamos ver”... nesse meio tempo meus colegas da história lá na FAGED [Faculdade de Educação], eles estavam recebendo uma vaga para educação patrimonial e o Fernando Seffner, que eu conheço desde a Secretaria de Cultura, me disse: “Ai Zita, a gente quer que tu venha trabalhar com a gente, com educação patrimonial”. E aí eu disse assim, me lembro como se fosse hoje num corredor da FAGED [Faculdade de Educação], 8º andar: “Fernando [Seffner], a Museologia também tá tentando me levar para lá” e eu disse “Quem for mais rápido, me leva” e ele “Vamos ver”. Porque o Fernando [Seffner] tinha que mexer mil pauzinhos para conseguir a vaga, para ele não era muito fácil e a Museologia tinha vaga, né? O que que me motivou? Eu pensei assim: Aqui na História da Educação, eu sou uma historiadora da educação, qualquer



historiador que pesquisa história da educação ocupa meu lugar aqui satisfatoriamente. Lá na Museologia eu faço mais a diferença porque eu tenho experiência, eu tenho leitura, tenho bibliografia em casa, livros comprados nas minhas viagens. Eu pensei assim, eu acho que agora é a hora de dar a minha contribuição no sentido de multiplicar tudo aquilo que eu aprendi no fazer. No fazer e no estudar, porque eu me lembro que a gente estava nos Estados Unidos, eu comprava os livros e conversava com o Mário [de Souza Chagas] ou com a Cristina [Oliveira Bruno]: “Será que eu vou comprar esse livro? Será que um dia vai ter o curso de Museologia lá no Sul? Eu dizia e o Mário [de Souza Chagas] “Ah vai sim, compra sim, compra o livro, compra, compra”. E eu fui comprando. Imagina, comprei um monte de livro, tem livros de Museologia que eu nem li, não do pós doc de 2014, mas lá de 2000, que eu comprei nos Estados Unidos. Então, eu pensei assim, que a minha contribuição aqui na Museologia ia fazer diferença, porque eu acho que experiência com Museologia não adquire da noite por dia, precisa de um tempo atuando nos museus, foi isso que motivou minha transferência, indo uma vaga do REUNI [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] para a Faculdade de Educação em troca.

N.M.D. - Neste período, 2010, quais foram os maiores desafios do curso [de Museologia]?

Z.R.P. - Que ano você entrou aqui [no curso de Museologia] Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria]?

A.C.G.F. - Fiz concurso em 2010, comecei em janeiro de 2011.

Z.R.P. - Ainda não tínhamos a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria]. Então, ficamos aqui, eu vivi um ano sem a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria], na Museologia. Os desafios eram muitos, porque o curso [de Museologia] foi



criado, vocês devem ter ouvido a Lizete [Dias de Oliveira], então vocês devem saber, já ouviram alguém relatando sobre isso. O curso [de Museologia] foi criado nas condições que havia naquele momento, os colegas foram muito corajosos, nós temos que agradecer muito os colegas que peitaram a criação do curso: a Marlise [Giovanaz], a [Ana Maria] Dalla [Zen], a Lizete [Dias de Oliveira], o Valdir [José Morigi], e especialmente o Valdir [José Morigi], pois ele era o diretor [da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] e faz diferença uma direção apoiando o projeto. Eu ouvi muitas críticas fora daqui, de um pessoal mais velho da Museologia, depois que eu entrei vieram me dizer: "Ah! O curso é muito fraco, não tem museólogo, não sei o que, tetetêtetê...", e eu dizia "Olha, calma! A gente vai ter museólogo, só que por enquanto a coisa está realmente difícil"... então o curso [de Museologia] foi criado com as condições que se tinha, com professores da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], porque não tinha como criar com professores que não existiam; depois vieram as vagas, as famosas dez vagas, para suprir as demandas de áreas da Museologia. Então, essa criação aconteceu nessas condições, nesses termos e com o curso [de Museologia] criado num tronco comum, ou seja, com cadeiras que iam servir para Arquivologia, para Biblioteconomia e para a Museologia, foi desse modo que ele foi pensando. Nós não tínhamos professores, essa era a verdade, tínhamos uma professora substituta, a Valéria Abdalla. Foi a nossa super museóloga, que supriu uma série de demandas, mas a verdade é que nós não tínhamos professores para várias disciplinas, então eu lembro que no início eu dei umas quantas disciplinas, acho que eu dei umas quatro, cinco, seis disciplinas, dava tudo, porque, eu dava Introdução à Museologia, dava Documentação, dava tudo, Educação em museus que dou até hoje, mas dava Museologia no mundo contemporâneo, mas tipo assim, documentação a gente não tinha quem desse, daí me lembro que a gente fez um esquema com vários docentes ministrando. Nos primeiros concursos tivemos muita



difficuldade, a gente não sabia qual era o sapo que estava enterrado aqui, essa que era a verdade, porque os museólogos não se inscreviam para o curso [de Museologia], a gente não sabia o que era. Até hoje é um mistério saber o que acontecia que não vinham museólogos fazer o concurso, e as disciplinas também foram criadas nessa lógica do tronco comum. Então, foram disciplinas criadas não especificamente para a área da Museologia, mas para áreas que contemplassem os três cursos. E nesses concursos não vinham museólogos e as pessoas que passaram também não eram da Museologia. Eu cheguei aqui nesse contexto, eu também não era museóloga formada, mas sem dúvida nenhuma a que mais entendia de Museologia dali. Não tinha a menor dúvida que era eu. Mas era desse tipo de coisa, o nome do concurso era tipo assim “gestão de acervos”, entendeu? E aí a pessoa sabia de gestão de arquivos, só que não em museus. Daí a pessoa desistia de ser professora... esse início foi realmente desafiador. Eu acho que as coisas começaram a mudar, realmente, depois que a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria] entrou, 2011, e na reformulação curricular, que foi um momento que eu diria crucial. Acho que ali a gente decidiu se o curso [de Museologia] ia continuar existindo ou não, porque estava propenso a não existir mais...do meu ponto de vista, quando ele foi avaliado pelo MEC [Ministério da Educação]. Recebemos a nota do MEC [Ministério da Educação] e a nota foi muito baixa, e eu digo com toda a tranquilidade que houve uma mobilização da Museologia em nível nacional pra penalizar os cursos que não tivessem museólogos, foi proposital. Isso efetivamente aconteceu. Tinha problemas? Todo curso tem problemas! Nem tudo vai ser maravilhoso. Comecei a dar os exemplos da minha formação. Tive que dar uns exemplos para os alunos, pra eles verem que a formação não era assim. Eu espero que a gente tenha superado essa questão; hoje é inegável que o curso de Museologia da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] é um dos melhores. Inclusive derivou o Programa de Pós-Graduação... nós somos o máximo!



[risos]. Mas a reestruturação foi muito difícil, eu, a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria], a Lizete [Dias de Oliveira] e o Valdir [José Morigi], que era a composição da COMGRAD [Comissão de Graduação] na época, aproveitávamos o limão azedo pra fazer uma limonada doce, que na verdade era reestruturar o curso [de Museologia]. Passamos, então, a fazer um estudo na COMGRAD [Comissão de Graduação], chamando os professores e tal, fizemos muitas reuniões, ali no térreo né Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria]?! Na sala que era do CRIAMUS [Laboratório de Criação Museológica], lá na sala 101 da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], fizemos muitas reuniões, discutindo que perfil nós queríamos, discutindo a legislação do MEC [Ministério da Educação], discutindo a grade curricular. Olha, foram reuniões, reuniões, muitas reuniões para pensar esse currículo que está o mais próximo do que vocês têm hoje, foi um processo muito interessante, uma construção coletiva. Aí ficou para Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria] implementar, né?! Em 2014 ela foi a próxima coordenadora da COMGRAD [Comissão de Graduação] e a visita do MEC [Ministério da Educação] ocorreu novamente em 2016, onde conseguimos a nota 4 em uma escala que vai até nota 5.

N.M.D. - A gente queria falar agora do PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]...

Z.R.P. - Pois é, eu vim aqui só para falar do PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] [risadas].

N.M.D. - E do Gemmus [Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio]...

Z.R.P. - Quando eu vim para cá [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], acho que a Ana [Maria] Dalla Zen já tinha uma ideia, ela é um pouco parecida comigo, a gente pensa lá adiante. E... a [Ana Maria] Dalla [Zen]



disse: “ah, a gente vai querer fazer uma pós-graduação, vamos criar um grupo, precisamos de um grupo”... Aí criamos o GEMMUS [Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio]. Todos os professores do curso [de Museologia], evidentemente, participaram, e com pessoas de fora, convidamos a Eloisa [Helena] Capovilla [da Luz Ramos] da UNISINOS [Universidade do Vale do Rio dos Sinos], a professora Hilda Jaqueline [de Fraga], que hoje tá na UNIPAMPA [Universidade Federal do Pampa], muitas pessoas, congregou estudantes que passaram por iniciação científica, os que eu orientava também, então foi um tempo né, de treze anos ele já tem... dá pra dizer que o GEMMUS [Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio] foi um substrato bem importante na hora de fazer justificativa do PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio], porque a pós-graduação é um grupo de professores que atuam em grupo. A gente organizava conferências internacionais, conferências nacionais, aulas abertas, a mostra de pesquisa do grupo, foi realmente uma iniciativa fundamental para criar o Programa de Pós-Graduação depois.

N.M.D. - E como é que foi a concepção do PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]?

Z.R.P. - A questão mais complicada para criar um Programa de Pós-Graduação é ter os professores em número suficiente. Essa foi a questão mais difícil. Nós ficamos adiando, adiando, porque nós não tínhamos dez professores, e a maioria tem que ser da casa [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]; nós considerávamos que era o número que deveríamos ter para criar o programa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]. Nós vivíamos contando nos dedos, eu e a [Ana Maria] Dalla [Zen], cada vez que a gente se encontrava contava nos dedos quantos professores a gente tinha. E a gente sempre contava uma mão, porque tinha que ser professores doutores, então a gente contava, tem eu, tem a [Ana Maria] Dalla



[Zen], tem a Jennifer [Alves Cuty], tem a Lizete [Dias de Oliveria, tem o Valdir [José Morigi], a gente tinha cinco né. Faltam cinco. Aí depois que entrou a Fernanda [Carvalho de] Albuquerque, nós tínhamos seis, opa, precisávamos só de mais quatro. E aí nós temos que ao compor esse grupo, além de pensar todas as funções que a CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] coloca, a gente tem que pensar também nos limites da legislação da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Então eu me lembro que fui lá conversar com a presidente da Câmara de Pós-Graduação, que felizmente na época, era a professora Cláudia Wasserman, que tinha sido minha professora de História da América 3, então assim, uma pessoa que eu já conhecia, então foi um trânsito bem tranquilo, ela [Cláudia Wasserman] me deu algumas orientações, e eu também fui estudando a legislação e sempre pensando: mais quem? Porque tem um limite em relação a professores que estivessem atuando em outra pós-graduação. Uma pessoa foi a professora Ana Albani [de Carvalho]. A professora Ana Albani [de Carvalho] foi convidada porque alguns anos antes, quando ela estava na coordenação do PPGAV [Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais], conversei com ela [Ana Albani de Carvalho] rapidamente, que se prontificou a fazer uma parceria conosco para criar o Programa de Pós-Graduação em Museologia. Então o convite veio muito nesse sentido, e ela [Ana Albani de Carvalho] ficou muito lisonjeada e aceitou prontamente. A gente poderia ter um único professor de fora da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], convidamos a professora Letícia Julião, porque ela também não estava em nenhum Programa [de Pós-graduação], pensamos em muitas outras pessoas, mas todos já estavam em Programas [de Pós-Graduação], então não podia ser. Pensamos no Camilo [de Mello Vasconcellos], pensamos na Cristina [Oliveira] Bruno, pensamos em vários, mas não podia porque já estavam em Programas [de Pós-graduação] e tinha que ser alguém que não estivesse em nenhum, daí veio a Letícia [Julião]. A professora Luisa [Gertrudis Durán Rocca] também foi



fundamental porque tínhamos daí uma professora da Arquitetura relacionada à questão da restauração, do patrimônio, foi também fundamental, e nossa, ficou felicíssima quando foi convidada. E a última foi, ah daí na última até foi uma dica da minha colega Maria Stephanou, ela disse: “olha está entrando a Marília [Forgearini] Nunes, que é excelente na FAGED [Faculdade de Educação] e como está entrando agora não está em nenhuma pós-graduação, mas ela já tem experiência na pós-graduação da UFSM [Universidade Federal de Santa Maria] e tal, aí fui conversar com a Marília [Forgearini Nunes], que topou também. Daí graças a esse grupo de dez pessoas que o Programa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] foi pensado. E aí é claro, nas conversas com o grupo a gente pensou na área de concentração, que não podíamos ter como única área de concentração a Museologia, e nas linhas de pesquisa, uma que trabalhasse mais essa questão dos museus e da Museologia, e outra linha que pensasse mais a questão cultura, sociedade e patrimônio, Então acabou ficando na linha Cultura e Sociedade, as professoras [Ana Maria] Dalla [Zen], Luiza [Gertrudis Durán Rocca], Lizete [Dias de Oliveira] e a Jennifer [Alves Cuty] e o professor Valdir [José Morigi]. E na linha de Museus e Museologia ficou eu, a Fernanda [Carvalho de Albuquerque], a Ana Albani [de Carvalho], a Letícia [Julião] e a Marília [Forgearini Nunes]. Ficou 5-5, ficou bem equilibrado. Depois nós fomos criando as disciplinas, duas obrigatórias e eletivas, eu acabei ficando na disciplina obrigatória; inicialmente eu ofereci com a professora Letícia [Julião], depois com a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria], ainda estamos oferecendo juntas né Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria]? E fomos criando outras, por exemplo Visitas Técnicas, que é uma disciplina muito legal porque nós fazemos visitas técnicas aos museus, trabalhamos muito com a graduação, até porque a avaliação valoriza isso. Então, essa disciplina é um momento de interface muito forte entre a graduação e pós-graduação, porque os professores, sempre que pensam visitas convidam os alunos da graduação e vice-versa.



N.M.D. - Como tu avalia, esses primeiros cinco anos do PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]?

Z.R.P. - Um grande desafio. É diferente da graduação que foi possível fazer concursos, para suprir as vagas, e que ainda sim é um desafio, a gente tá sempre enfrentando desafios, assim como na graduação também. Não existe concurso para pós-graduação, o concurso é para graduação. Então quando a gente faz o concurso na graduação, a partir do momento que a gente tem o pós-graduação, inevitavelmente deveríamos pensar também na pós-graduação. Temos que ter em vista também as formas de avaliação atuais da CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], que exige realmente uma produção, a manutenção da produção numa pesquisa, a publicação dessa produção em artigos científicos, tem que ter um perfil. Eu acho que é um processo de aprendizado. Digo isso porque, eu entrei na Pós-Graduação em Educação em 2009, e é um eterno aprendizado. Na graduação tem que ser um ótimo professor, estar bem atualizado, ter boa relação com os estudantes... mas na pós-graduação, além de tudo isso com os estudantes, com a formação, tem ainda que cuidar com muito zelo a tua produção. Tem que cuidar onde publica, tem que ficar estimulando os teus orientandos a publicar também... então é um envolvimento que nem todo docente está disposto, eu compreendo, porque não vai receber mais um centavo por isso. Então, essa compreensão do que é uma pós-graduação e o desejo de digamos assim, de atender essas regras, estar nesse grupo comprometido, não é algo muito fácil de conseguir. Diria que esse é o grande desafio, e por conta disso é muito complicado manter o grupo coeso; sempre tem saídas; a gente precisa sempre buscar professores. Agora, por exemplo, a gente vai ter a saída de duas pessoas, a gente está tendo que buscar mais pessoas e a gente não tem perspectiva, por exemplo, da entrada de professores por concurso na graduação, então realmente fica difícil, fica complicado. Fica difícil crescer, inclusive ter coragem para criar um doutorado, por exemplo, todo mundo quer,



né Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria], as pessoas nos pedem: “ah quando vai sair o doutorado de vocês?”, “quero fazer o doutorado, quero fazer o doutorado.”. Mas como é que a gente vai enfrentar um doutorado com tantos desafios ainda no mestrado para dar conta?

N.M.D - Quais são as perspectivas e tua avaliação da Museologia para o futuro?

Z.R.P. - Eu acho que os ganhos da criação tanto do curso de Museologia quanto da pós-graduação aqui na UFRGS são visíveis [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Sobre a nossa inserção social, o nosso ponto forte na pós-graduação, na graduação já é, porque isso reflete na pós-graduação, somos as mesmas pessoas... nosso Programa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] tem uma forte inserção social desde sempre, e gente, inserção social é um item que entrou agora na CAPES [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], não existia antes, nós chegamos já bombando na inserção social com a [Ana Maria] Dalla Zen nas Ilhas [Ilhas do Arquipélago], com os projetos da Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria] e da Marlise [Giovanaz] com o nuances, com outras coisas que a gente já fazia... Então, nesse aspecto, o programa faz uma diferença neste lugar, no Rio Grande do Sul, mas dá pra pensar daqui a pouco mais adiante para mais... porque com a pandemia nós tivemos muitos alunos que vieram de outros lugares para aproveitar a coisa do online, então a gente teve aluno do nordeste, do sudeste, de Brasília, então nós estamos fazendo o que uma pós-graduação deve fazer, uma formação avançada para os profissionais que estão nos museus. Então, gurizada nova que vai sair da graduação, espero todos vocês lá [no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]. Nossos egressos já estão dando aula, estão dirigindo museus, estão coordenando projetos, tem uma quantidade de pessoas inseridas já no mercado de trabalho, a gente faz diferença. Agora no evento do Museu Julio de



Castilhos estava conversando com uma pessoa que disse que vai ser candidata, já é diretora, e ela não tem nenhuma formação em Museologia, está aprendendo na prática, e ela vai ter o que eu não tive, um mestrado em Museologia para aprender mais. Quando isso acontece eu fico, nossa, valeu a pena tudo isso, valeu a pena todo esse esforço, todas aquelas brigas nas plenárias, que eu fui uma das que mais briguei, eu e a [Ana Maria] Dalla [Zen], porque somos as mais brigonas, acho que se a gente não tivesse botado o pé na porta talvez a gente não tivesse conseguido, a gente brigou muito pela Museologia. Eu gostaria que a Museologia crescesse, esse é o meu desejo. Eu gostaria que meus colegas topassem criar o doutorado, conseguimos nota 4, isso foi uma grande vitória e nos habilita a criar o doutorado. Eu acho que a gente ia atrair muito mais gente, não só do Rio Grande do Sul, mas como da região porque o curso [o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] foi criado pensando na região e na nossa posição privilegiada em relação ao Mercosul. Então se a gente tivesse um doutorado aqui, com certeza a gente teria muito mais gente da Argentina, do Uruguai vindo, claro que para isso a gente tem que ter condições, tem que ter bolsa, por enquanto a gente tem pouquíssimas bolsas... criamos as ações afirmativas do Programa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio], acho que a gente está indo bem, e esperamos que também a colaboração de vocês para que o Pprograma [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] vá para frente e uma das maneiras que vocês têm é terminado o curso de graduação e se inscrever lá no PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]! Nós precisamos de alunos, alunas e alunes. Vocês é que tem o futuro nas mãos né gente?!

N.M.D - **Muito obrigada então! [aplausos]**

Z.R.P. - Muito obrigada pela entrevista, gente!

[Final do depoimento]



Presenciaram a entrevista com Zita Rosane Possamai:

Ana Carolina Gelmini de Faria,
 Diogo Santos Gomes,
 Igor Duarte Flores Pinto,
 Isadora Medaglia Guarnier,
 Jefferson Magueta Trevisan,
 Jorge Fortuna Rial,
 Klara Maciel Albarenque,
 Lizandra Caon Bittencourt,
 Marlise Giovanaz,
 Nina Mazim Dias,
 Sergio Luiz Valentim Júnior,
 Victoria Honnef Medeiros,
 Vinícius Bard Giral.

